

UM CERTO JESUS:

encontros com Cristo

Por Wilson Gorj

I.

Encontrei-me com Jesus. Ele atirava pedras no lago.

— Mestre...

— Sim?

— O que me diz dos pastores que o representam perante o povo?

— Refere-se a esses tipos que estão na TV e no Plenário?

— Exato, mestre.

— Não falemos deles.

— Mas, Jesus...

— Pegue uma pedra.

— Para quê?

— Faça-a saltar na água.

— Mestre, eu gostaria de uma resposta para...

— Olhe.

E Jesus fez quicar uma pedra três vezes na superfície.

— Viu? — apontou, entusiasmado. — Um arremesso perfeito.

E depois, sereno:

— A pedra encrespou a água, mas veja o lago: permanece tranquilo.

Fui embora. Juro que não entendo nada dessas metáforas religiosas.

II.

Jesus cortava os cabelos.

— Vê se não corta muito — ia dizendo ao cabeleireiro, um homem de aspecto rude, a barba tão espessa que lhe escondia os lábios.

Quando Jesus me viu ali, foi logo me avisando:

— Chegou em boa hora. Agora é a sua vez.

— Não, Mestre. Obrigado. Meu cabelo está de bom tamanho.

Jesus olhou, cúmplice, para o outro barbudo. Parecia se conter para não rir.

— É a sua vez — repetiu. — Pegue a tesoura.

O homem passou-a para mim. De perto consegui ver sua boca. Sorria.

— Mas, mestre... — argumentei, voltando-me para Cristo — talvez não seja uma boa

ideia. Mal sei manejar isso.

— Como não? É simples demais. Basta abrir e fechar. Venha. Quero que apare um pouco essa minha juba.

Obedeci. Um pouco receoso, mas cortei. Cortei, cortei... De nada adiantava, porém. Não adiantava porque o cabelo de Jesus permanecia sempre o mesmo. Desconfiei de que ele estivesse me pregando uma peça, algum milagre gaiato.

— Qual o propósito disso? — perguntei, por fim. — Seus cabelos não diminuem com os cortes.

Cristo e seu amigo, dessa vez, não contiveram o riso.

Só então me dei conta. Pelo chão não havia nenhum sinal de cabelos cortados, e a tesoura... Olhei-a bem: as duas lâminas não tinham fio. Não serviam para cortar.

Devolvi a tesoura, irritado:

— Tome esse instrumento inútil.

— Eu não diria “inútil” — rebateu Jesus, passando o dedo sobre umas das lâminas. — O termo correto seria “cego”.

Estava claro que ele não se referia à tesoura.

III.

E lá estava ele, cochilando debaixo da maceira. Ao me aproximar, encontrei ao seu redor algumas maçãs devoradas. Chamei-o:

— Mestre.

Jesus acordou rápido, os olhos arregalados de susto.

— Me desculpe — disse-lhe eu. — Não quis assustá-lo.

— Não foi nada. Na verdade, devo agradecê-lo.

— Agradecer de quê?

— Você me salvou de um pesadelo.

Nós dois estávamos sentados. Ele ficou em pé.

— Dormir de barriga cheia não dá bons sonhos — sentenciou.

— E o pesadelo, sobre o que era?

— Perguntas, perguntas... — ele rebateu, impaciente. Mas depois suavizou, brincalhão:

— Deveriam colocar um anzol na sua boca.

Pensei no anzol: seu formato de interrogação. Boa metáfora.

— Bem, eu sonhava — continuou Jesus — que me conduziam de novo para a cruz.

— De fato, um pesadelo inquietante — concluí, meio desinteressado. Afinal, quem não conhece a história da crucificação?

— Mas a cruz era diferente.

- Diferente como?
- Era eu. Meu corpo feito cruz. Tentavam pregar-me em mim.
- Credo...
- Ainda bem que fui salvo a tempo.
- Olhei suas mãos. Sangravam. Ele limpou-as no manto.
- Estão sujas de maçã — desculpou-se, sem muita convicção.
- E, trepando na macieira:
- Vou pegar mais. Quer uma maçã?

IV.

Jogávamos dominó, eu e Cristo.

— O que está o incomodando? — ele me perguntou. — Hoje você não fez nenhuma de suas perguntas.

Relutei em falar. O que fiz foi pôr a minha peça na mesa, após a dele, fazendo uma curva no desenho dos dominós em sua direção.

- Fale, vai. Desabafe — ele insistiu.
- Sabe, Mestre... Tenho pensado no Paraíso.
- E?
- Não o quero.
- Posso saber por quê?

— Lá estarão essas pessoas que vivem julgando os outros e dizendo que tudo é pecado. Gente a gritar que este mundo é do Diabo. Que invoca o seu nome para tudo. Não os suportou.

— Mas quem disse que você irá para o Paraíso? — Jesus me olhava com deboche, enquanto colocava mais uma peça no jogo.

— Então para onde vou, Mestre? Para o inferno?

— Não se preocupe. Esse lugar não existe. Mas, se ganhar de mim, prometo que revelo para onde você vai.

Empenhei-me no jogo. Contudo, como era esperado, novamente perdi.

E foi assim que nos despedimos. Cristo foi para um lado e eu... Eu continuei sem saber para onde ia.

V.

Na colina, eu procurava por Jesus quando, a poucos metros, avistei um lobo enorme. O medo não me deu tempo de pensar: fugi. Correndo, saltei na primeira árvore que encontrei; escalei e trepei no galho mais alto que consegui. Torci para que o lobo não tivesse a mesma habilidade. E o fato é que ele não tentou subir na árvore, mas ficou embaixo, à espera de que eu descesse. Ficaríamos ali naquele impasse — eu sem coragem para descer, ele sem vontade de subir — se Jesus não surgisse assobiando, com a naturalidade de quem se aproxima de um cão amigo.

— Pode descer — ele me tranquilizou. — O lobo não lhe fará mal.

Pensei em Pedro; precisamente, no conhecido episódio do mar revolto: ele atendendo ao chamado do Mestre, mas afundando na água por falta de confiança. Será que o lobo me atacaria?

Desci. Ou melhor, cai, pois me faltou a habilidade que o medo me emprestara para subir. Na queda, cortei a mão numa pedra pontiaguda. O lobo se aproximou e, antes que o temor me afastasse, senti sua língua lambendo meu sangue, fazendo-me cócegas na palma da mão.

— Não disse? — comentou Jesus. — Ele não é tão feroz quanto se imagina.

O lobo deixou-me em paz e foi se aconchegar nele.

— O que diriam suas ovelhas se o vissem assim, tão amigo de um lobo? — provoquei.

— Minhas? — ele estranhou. — Não tenho ovelhas.

As palavras de Jesus eram suaves; as minhas, sarcásticas:

— Os evangelhos dizem outra coisa. “O Senhor é meu pastor...” É uma metáfora recorrente.

— Antiga — rebateu ele. — Uma metáfora antiga e defasada.

De repente, o lobo se pôs em alerta. Descobri por quê. Da floresta, abaixo da colina, saíra um grupo de outros lobos. A alcateia ficou à espera dele.

— Vou indo — disse Jesus.

— Mestre, preciso falar contigo.

A ferida na minha mão ardia um pouco.

— Fique — pedi.

— Outro dia — respondeu. — Hoje, não.

Dizendo isso, foram, ele e o lobo desgarrado, ao encontro do bando que os esperava. Todos sumiram na floresta.

VI.

Topei, outra vez, com Jesus. Ele caminhava apressado.

— Mestre, espere. Aonde vai com tanta pressa?

Não me ouviu. Continuou, apertando o passo. “Até parece que vai tirar o pai da forca”, pensei. Foi aí que Jesus parou. Voltou-se:

— Judas não é meu pai — respondeu-me, sério.

Teria lido meu pensamento? Fiz outra pergunta:

— Posso ir contigo?

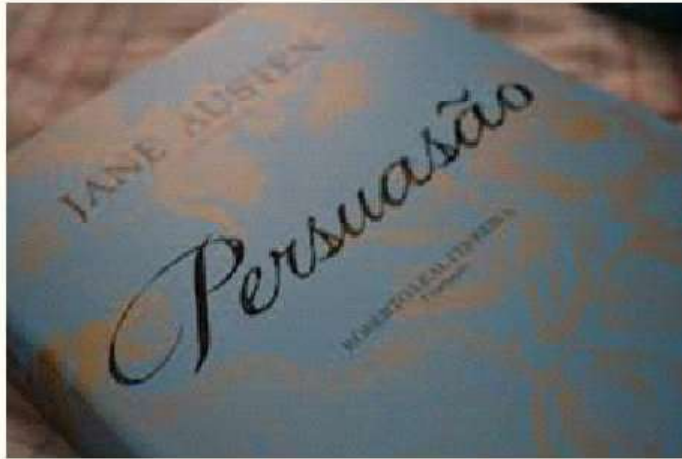
— Não. Você faz muitas perguntas.

* * *

WILSON GORJ (SÃO PAULO) – Contista e Editor. Publicou o seu primeiro livro em 2007, com o título “Sem contos longos”, composto por cem micronarrativas. Em 2010 lançou o “Prometo ser breve”, pelo selo 3×4, voltado a microficcões, do qual foi o idealizador e editor durante mais de dois anos. “Histórias para ninar dragões”, o seu terceiro livro, saiu em 2012 pelo mesmo selo minimalista. Atualmente é colunista do “Jornal O Lince” e editor pela Penalux, editora fundada pelo próprio autor em parceria com o poeta Tonho França.

PERSUASÃO DE JANE AUSTEN: POR QUE LER UM CLÁSSICO?

Por Jeanne Paganucci



<http://michasborges.blogspot.com.br/2012/10/meus-clicks-persuasao-de-jane-austen.html>

Os clássicos são conhecidos como o que possui perfeição ou mesmo é um exemplo a ser seguido. Mas nem sempre sabemos defini-los na imensidão de significados a que remetem. Geralmente, quando perguntamos as pessoas se lêem algum livro, respondem que estão relendo ou tentando ler um livro considerado de qualidade, nunca afirmam estarem lendo realmente. A verdade é que temos medo de lê-los, mais que isso, de não entendê-los. Existem muitas razões para a leitura de um clássico, mas quais as razões mesmo? A maior razão para ler um clássico não é viajar sem sair do lugar, nem mesmo voltar ao passado ou imaginar o futuro, mas sim conhecer nós mesmos, essa a maior razão para lermos os clássicos.

Quando se trata de leitura dos clássicos, temos absoluta certeza de que não daremos conta de ler todas as obras e conhecer todos os autores, porque nos perderemos nesta tentativa. A razão que nos traz esse ensaio é a tentativa de responder o porquê de ler *Persuasão* de Jane Austen nesta vida atribulada da pós-modernidade em que a mulher destaca-se de forma diferente das personagens do romance da autora.

O universo feminino parece estar em conflito com a realidade no que diz respeito ao que pode ser feminino, o que ultrapassa razões e fragmentos desse universo na história nula e camuflada das mulheres que ainda no século XXI carregam resquícios da cultura, das imposições e do esquecimento. Então, não seria difícil imaginar o que a escrita e a leitura podem fazer para mudar a vida de uma mulher, ou melhor, de várias mulheres.

As inquietações são muitas, porque o universo feminino está carregado de objetos e falas que parecem caracterizar a mulher, mas na verdade escondem os sentimentos mais importantes pelos quais vivencia e acredita. Esse universo feminino pode ser destacado em *Persuasão* de Jane Austen, em uma visão óbvia dos acontecimentos do século XVIII em que o período romântico prevalecia. Conhecer as várias faces do feminino deveria ser a primeira

lição de uma mulher, ao invés de aprender afazeres domésticos e costuras que, muitas vezes sufocam as ideias e naturalidade com a qual a mulher poderia se descobrir ou (re) descobrir.

Anne Elliot é uma personagem anulada pela família no que diz respeito ao direito de responder por si mesma. Suas razões de viver não importam, visto que é a mulher que se submete aos caprichos da família e de uma velha amiga, Lady Russell, uma velha amiga dos Elliot que não poderia fazer algo melhor que investir em persuadir Anne a tomar decisões que mudariam sua vida.



<http://janeausten.com.br/tag/anne-elliott/>

O silêncio de Anne Elliot em suas atitudes diante da família tornava sua vida uma simples passagem a qual não importava, nem mesmo ela. A morte de sua mãe parece ter apagado sua existência e condicionado todas as suas vontades e preferências ao julgamento dos outros, sempre as necessidades de sua irmã Mary ou de sua família antes de qualquer coisa. Essa questão de ser persuadida a realizar ou vivenciar imposições alheias fez parte da vida da personagem no decorrer do romance.

A personagem Anne já fez parte da história de muitas famílias em que não somente amigas da família se interessam em proteger meninas ou moças aparentemente inocentes, mas também pais e mães que em outros tempos escolhiam uma das filhas para simplesmente não casar ou não ter escolha do que fazer da vida. Esses fatos nos fazem pensar se ainda não acontecem situações em que os pais e amigos das famílias tentam persuadir jovens a agir de acordo seus ideais de vida.

De acordo Ítalo Calvino os clássicos são livros que nunca terminam de dizer o que tinham para dizer. Dessa forma, o romance de Austen reforça essa ideia porque tudo o que traz a respeito da mulher em sua obra parece ser algo que não finalizará e teremos a sensação de que nossa próxima leitura deste clássico trará as informações que não colhemos na primeira

leitura. Jane Austen castigou bastante sua personagem Anne Elliot com a sofrida forma de viver condicionada aos outros personagens e os resultados finais apesar de parecerem felizes, não deixam de enunciar que essa “felicidade” e o pensamento de que tudo dará certo no fim não é a resposta para Austen, mas sim um sarcasmo presente nas entrelinhas, sua última carta.

O romantismo era a ideologia da nova sociedade e a expressão da visão de mundo de uma geração que deixara de acreditar em valores absolutos, que não podia continuar acreditando em valor algum sem pensar em sua relatividade e limitações históricas. Tudo, para essa geração, estava vinculado a suposições históricas, porque tinha experimentado como parte de seu próprio destino pessoal, a queda da antiga e a ascensão da nova cultura. (HAUSER: 1998, 671)

Dessa maneira, o período romântico apresentou grande importância histórica, sobretudo para o século XIX, que herdou e dependeu das experiências, dos entraves e de toda a carga do subjetivismo vivenciado no século XVIII. O que marcou esse século foi sua subsistência, não apenas sua linguagem literária, os acontecimentos referentes às correntes românticas (Alemanha, Inglaterra, França), mas por sua repercussão até a contemporaneidade. É justamente nesse ponto que encontramos *Persuasão* de Jane Austen, no final do romantismo, sintetizando sua colaboração como escritora em sua última obra, ou seja, experimentando e ousando destacar o homem e sua vida de forma constrangedora em sua personagem Anne Elliot.

As atitudes subjetivas e egocêntricas passaram a ser naturais a partir do romantismo e compõem parte das características e dos costumes do homem do século XVIII até hoje. Assim, somos impelidos naturalmente a reproduzir nossos sentimentos em nossas ações, o que vem a confirmar a influência romântica em nossos atos. Por outro lado, alguns estudiosos caracterizam este período como doente, visto que há um exagero e distorção das coisas, como se estivesse perturbado ou amedrontado. Neste aspecto, o medo da morte, do presente e do fim do mundo parece ser algo que é sua preocupação maior, além da evasão para o futuro, a utopia. O pensamento e os costumes românticos influenciaram nossa forma de viver e nos envolver com a nossa cultura e que esta pertence a um fluxo e uma luta interminável, principalmente no que se refere a nossa vida intelectual.

A arte, a literatura e os princípios românticos destacam a mudança social, filosófica e cultural para as gerações posteriores. A literatura clássica de que estamos tratando é essa, a que modifica e faz vibrar o homem em sua realidade, não àquela que faz parte de acervos de bibliotecas as quais nem mesmo os livros são manuscados por quem se contamina pela leitura, também pelos clássicos.



<http://www.fanpop.com/clubs/jane-austen/images/952956/title/jane-austen-books-wallpaper>

Clássicos então são os livros que lemos porque estamos vivos e nos interessamos por nós mesmos, por nossos antepassados, por nossas experiências e simplesmente porque queremos lê-los, o mais importante. Ler um clássico como *Persuasão* faz conectar a mente com uma escritora que observou a mulher e escreveu algo sobre a história das mulheres, suas angústias, seus desencantos, suas vozes sufocadas pela vida que levavam, mas também, a beleza e a paixão com a qual a narrativa envolve e eleva quem a lê.

Anne Elliot pode ser definida como uma mulher que representa o silêncio, a ausência, o mundo do outro, a introspecção e o retorno a si mesma. Este é um clássico e pode ser lido por ser uma leitura interessante, não por ser clássico. Se o fato de ser clássico fizesse as pessoas lerem mais os livros isso seria um acontecimento extraordinário, mas ser clássico parece ser o motivo para afastar os leitores. Indico *Persuasão* como um livro que ensina algo para a vida e que os clássicos indicam o quanto a mulher conseguiu dar um salto para fora desse mundo de Alice.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. *Persuasão*. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa* dicionário. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo; 2008.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Paidéia)